



Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

A Escola Primária

Ignoro as razões burocráticas que fundamentam a existência dos quadros de Professores Efectivos e de Agregados. Sei que as circunstâncias de instabilidade em que estes trabalham produzem grande inconveniente para a Escola, se a concebermos como instituição para serviço dos Alunos.

Em Paço de Sousa, desde que os Professores Efectivos, chamados à Telescola, deixaram de poder reger as classes pri-

márias, temos vivido numa constante variação. Agregados que vêm e que partem sem chegarem a conhecer os Alunos nem a ser conhecidos por eles. É uma falta de estímulo para um trabalho a sério, porque se sabe que no próximo ano, outros virão. É um processo de entretenimento em vez de progresso, com a honrosa excepção de um ou outro Professor que honestamente procurou dar todo o seu possível

como se os alunos fossem consigo até ao fim. Mas, infelizmente, também a estes não é possível retê-los, levados pela roleta das nomeações ou pelo interesse pessoal de um lugar de trabalho mais conveniente. E assim os Alunos vão colecionando caras novas, o que a todos é prejudicial e muito mais em Escolas como as nossas, frequentadas por Rapazes vindos de meios sociais perturbados, em regra sem hábitos

de trabalho, com dificuldades intelectuais e com uma frequência desfasada da idade própria a cada classe.

Este ano, como se fora pouco esta dança de ritmo anual, temos um Professor que ficou do ano transacto (bom era!), mas foi requisitado pelo I.A.F. para secretariar um processo disciplinar levantado a uma servente (mau é!). Sempre que estiver impedido por este serviço, que «é prioritário», é substituído na Escola por outro Agregado que, naturalmente, não será capaz de uma identidade perfeita com o trabalho que vinha a ser realizado.

Na defesa dos direitos dos

nossos Rapazes, propusemos à Direcção Escolar que: ou o Professor trocava o processo disciplinar pelo ensino aos seus Alunos (ele há tantos Professores por colocar e que poderiam secretariar o tal processo!); ou então seria preferível que quem o viesse agora substituir, permanecesse na Escola o resto do ano lectivo.

«Embora se reconheçam as contrariedades que isso possa trazer à Escola» (eu diria aos Alunos!), «a substituição tem de ser feita nos termos do art.º 13.º do Decreto-Lei 263/76; e «quanto à nomeação de P.P.N. E. tudo se processa segundo o Decreto-Lei 263/76». E pronto: viva o Decreto e os Alunos que se arranjem!

Não haverá ninguém no Ministério que leia esta queixa e se doa e remedeie?...

Padre Carlos

MALANJE Por Padre Telmo

● O milagre da rebentação, um mês depois das queimadas, é um espectáculo fascinante. Primeiro, rompendo o manto negro da fuligem, o capim; e logo os brotos das árvores se preparam. O que mais deleita é a variedade de tons à medida que as folhas crescem. Verde, castanho, camurça, amarelo e vermelho vivo. Alguns arbustos ficam cachos brancos. Apetece mastigar tudo devagarinho para conservar esta beleza que os olhos sedentos contemplam.

● O «Cupa» é um menino tímido, mas duma ternura comovente. Tem 8 anos, sabe que um senhor o trouxe e que tem mãe. Está nele o seu centro, a sua preocupação, a montanha inacessível. Sempre que vai ao escritório me pede que o deixe telefonar à mãe. Explico-lhe que não sabemos a sua direcção, e quando for ao Uíge a irei procurar e ele irá comigo.

Fica pensativo e conformado. Vejo nele — à flor da pele. — uma necessidade de carinho e afeição que me comove.

Por vezes torna-me seu confidente:

— Não quero que o «Russito» seja o chefe dos «Batatinhas».

— Porque é que tu não vais pra lá?!

— Eu quero dormir contigo. Agora, de manhã, vamos ter sempre pão com manteiga?

● O «Russo» é vivo como um pintassilgo. Tem 12 anos. É natural de Dalátando. Durante as férias guardou a manada dos zebus. E conseguiu, não sei como, domesticar o zebu maior. Milagres das crianças!

Quando começaram as aulas deixou o gado e; à tarde, trata das galinhas. Nos primeiros quinze dias, tudo na maior ordem. Depois,

Cont. na 3.ª pág.

Calvário

Muitas das histórias que aqui vêm dar ficarão para sempre por contar pelo respeito que merecem os protagonistas e não raramente pelo pudor que as mesmas exigem. Na verdade, aqui desembocam caudalosamente rios de angústia e tormentos, vividos no silêncio e no abandono, no esquecimento e alheamento dos Outros.

Sem querer ferir a tia Rosa, que do passado próximo nada recorda, trago-a aqui hoje a esta coluna.

Dois agentes da Judiciária apresentaram-se ontem no Calvário para a ouvir e ultimar o processo em que ela está implicada. O álcool ingerido ao longo de anos turvara a consciência do marido e a dela. Aquele, mal alimentado, sofrendo desgostos e desprezo, finda seus dias inesperadamente em pequeno compartimento que ambos habitam numa ilha da cidade. A esposa a seu lado, sem consciência do que vai acontecendo, vagabundeia pelo aposento, saindo uma ou outra vez à rua, para de novo tombar adormecida no aposento em que jaz o marido. Passam-se dias, talvez duas semanas. As vizinhas estranham a ausência do marido e perguntam à tia Rosa por ele. «Dorme.» Não contentes com a resposta evasiva e suspeitando algo de anormal chamam a autoridade para que entre na habitação do casal. O cheiro, que a abertura da porta faz exalar, é de cadáver em putrefacção. Os olhos não querem acreditar. O pobre ansioso está de facto estendido no solo com as entranhas vertidas e o rosto reduzido à caveira, pois os ratos levaram a carne toda.

— Sabe — diz-me um dos agentes da Polícia, ao mostrar a fotografia horrorosa do que descrevo — é que ela afirmou na altura em que entramos, que «alguém matou o meu homem». Ora, é preciso averiguar.

A tia Rosa chega à nossa presença.

— Mas ela é esta? Não pode ser! — exclamam.

— É sim, acrescento eu. O ambiente aqui é outro. E ela encontrou o gosto de viver, a alegria de conviver. Por isso está diferente, mesmo normal. Os Pobres morrem tantas vezes, simplesmente porque ninguém lhes incute o gosto pela vida, ninguém os ajuda a viver. Os senhores procuram o culpado — prosigo, dirigindo-me ainda aos dois agentes — mas talvez também tenham culpas naquela morte, talvez tenhamos todos culpas naquele morrer.

Cont. na 3.ª pág.



Primo, «Banana», Camacho I, Egstel e Toninho Manco.

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

INSTRUMENTOS MUSICAIS — Recebemos, mais uma vez, duma pessoa cujo nome nós conhecemos mas não revelamos, da Praia do Ribatejo, a quantia de vinte mil escudos a somar a mais quarenta mil que já atrás nos enviou. Na realidade todas as palavras são poucas para o agradecimento, mas em nossas orações, lembrar-nos-emos dela.

De Lisboa, 500\$00 e estas palavras: «Após uma diligência frustrada quanto ao apelo feito em O GAIATO de 31-12-77, desanimei.

Ao aparecerem as primeiras ofertas compreendi, então, que só a solidariedade dos assinantes e amigos da Obra poderiam levar a cabo tão justa aspiração.

Remeto esta quantia com o desejo bem sincero de que a aquisição dos instrumentos os ajude a alegrar os vossos tempos livres e desperte verdadeiras vocações artísticas».

Da assin. n.º 25398, 700\$00; Riomeão 300\$00 de um nosso Amigo. Entregue no Espelho da Moda a quantia de 200\$00.

Já acrescenta a nossa quantia para a compra do órgão electrónico. São 70.000\$00...

Um obrigado muito sincero!

FESTAS — Os ensaios já começaram! O maior responsável é o Pe Abel que tem dado o melhor que pode na realização de um programa do agrado de todos os Amigos que nos têm seguido ao longo dos anos.

As Festas, na generalidade, terão de ser feitas aos fins-de-semana, devido aos trabalhos escolares. Poucos são os que se encontram livres destes encargos. Uns são da Telecola, outros da Escola Primária e outros, ainda, estudantes nocturnos.

Vamos aproveitar as férias do Natal para darmos um bóm adiantamento às Festas, correspondendo, assim, a alguns convites já marcados no calendário.

Quanto às terras contempladas pela nossa «tournée» ainda nada está combinado em definitivo.

Entretanto, fica a notícia: vamos ter Festa!

ACTIVIDADES MUSICAIS — A Campanha dos Instrumentos Musicais tem dado os seus frutos.

Viola, órgão e bateria são os instrumentos mais preferidos pelos nossos Rapazes.

Outro dia deu-se a escolher a cada um o instrumento para aprender a tocar. E vimos, claramente, que o gosto foge para estes aparelhos.

Ah! Mas, olhem, até há Rapazes com jeito!

O «Faniqueira» passa os dias a enervar-me, pelas vezes que o oiço dizer: «Anda-me ensinar viola, agora que tens tempo». Eu acedo ou não, conforme a minha vontade e disposição...

Pelas informações que recebi do encarregado de ensino da viola, o Conceição, ele, no meio de outros até tem jeito!

A vontade de aprender não acabará enquanto houver aparelhos e condições à altura de proporcionarmos essa mesma aprendizagem.

POEMA — Tinha prometido, no número anterior, que numa próxima oportunidade publicaria o bonito poema do Ernesto. Pois ele aí está:

Escuridão e luz

Os teus olhos
Podem suportar
Qualquer escuridão.
Mas não podem
Suportar qualquer luz.

Vê bem
Qual a luz
Que te alumia.

Uma luz,
Intensa demais,
Pode cegar
O teu olhar.
E uma luz,
Se for colorida,
Deturpará
A cor real
De cada coisa.

Vê bem
Qual a luz
Que te alumia.
Porque os teus olhos
Correm menos risco
De ser enganados
Na escuridão,
Do que envolvidos
Numa luz vulgar.»

Acho o poema lindo. E como me foi enviado com o propósito de ser musicado, digo-te, Ernesto, que será para breve.

Obrigado muito sincero. E dá sempre notícias.

ACTIVIDADES DESPORTIVAS — Também no Desporto o nosso Álvaro anda com uma azáfama constante, na procura de meios que possam garantir uma continuação para alguns e uma iniciação para outros, em várias modalidades.

A nossa quinta e ambiente são propícios ao desporto, principalmente atletismo. Só que não podemos praticar o desporto com sapatos e calças e camisa! Não temos sapatilhas nem equipamento para todos.

Mesmo assim, como podem notar, não tem sido este o obstáculo, bem pelo contrário, temos participado em provas só para termos um meio de adquirir algo para os apetrechos desportivos.

A ginástica, em boas condições, é salutar. Que seria de nós se, enquanto pequenos, não tivéssemos praticado ginástica?!...

O Álvaro tem andado de um lado para o outro a mexer todos os cordelinhos, pensando na melhor solução do caso que aflige o nosso desporto interno.

Fica o problema para resolução. Fazemos um apelo aos clubes, seja qual for a Divisão, para que nos ajudem com equipamentos, sapatilhas, bolas ou mesmo aqueles desportistas que quiserem colaborar com donativos.

Tudo isto faz falta ao nosso crescimento físico e intelectual.

CARLINHOS — Tem quatro anos. Chegou há pouco tempo. É um pouco endiabrado e aprecia muito a brincadeira com os mais velhos, principalmente quando lhe dão guloseimas que tenham na algibeira.

Vou contar alguns casos pitorescos: Já estamos na preparação das Festas anuais. Os pedidos são tantos...! Num dos ensaios, Padre Abel chama o Carlinhos para aprender algumas palavras que dirá aos nossos Amigos, na Festa: — Carlinhos diz assim comigo: muitos beijinhos e um xi. Ele não se cortava! Cruzava os braços e choramingava. Aguardou para outro dia...

Há tempos, em nossa Capela, enquanto Padre Moura dava esclarecimentos sobre o livro ISTO É A CASA DO GAIATO — de Pai Américo — o Carlinhos arranja entretenimento com o companheiro mais próximo. É reprimido. Padre Moura interrompe a conversa algumas vezes. Mas, de seguida, a brincadeira continua!

Entretanto, como não parasse, Padre Abel, com mão amiga, vai buscá-lo, leva-o para junto de si e, então, porta-se bem até ao fim da Oração da tarde.

É evidente, não se pode obrigar uma criança desta idade a prestar atenção a um acto que ainda não compreende inteiramente. Mas, pelo menos, devemos educá-lo a não fazer barulho em determinados locais.

Muito mais poderia contar do nosso Carlinhos. Ah!, já me esquecia do melhor: ontem aparece na Tipografia muito transpirado. Pergunto onde iria brincar, naquela tarde. Com ar de quem não gosta, responde imediatamente: — Não vou brincar! Vou mas é trabalhar pró pé dos outros, senão não tenho marenada...

É o Carlinhos de quatro anos, alegre, sorridente.

FUTEBOL — No Dia de Todos os Santos, disputámos um encontro com

o Sporting Clube Mafamude que saiu derrotado por 5-1.

Jogou-se bem em ambas as partes. Mas a arbitragem esteve um pouco fraquinha.

No intervalo, e devido à boa defesa dos adversários, só estávamos a ganhar 2-0. Porém, na segunda parte é que foram elas!, em troca de um galhardete oferecido com muito amizade pelos nossos visitantes: 5-1.

Obrigado e mais uma vez um pedido a novas equipas que queiram marcar encontros de futebol.

«Marcelino»

Tojal

AVES — Cada camarata tem uma gaiola e dispomos de uma passadeira num dos jardins da Casa. Além de motivos de embelezamento, outros existem, facilmente compreensíveis. Dispomos de alguns periquitos e de um bico de lacre.

Não haverá por aí algum Amigo criador, amante da ornitologia, capaz de nos oferecer alguns exemplares de pássaros? Por exemplo: papagaios, canários, pintassilgos, bicos de lacre, catatuas, faisões, pombas de leque, etc., etc., em suma quaisquer aves cantoras ou ornamentais.

PEIXES — Dispomos já de um aquário feito por um antigo Gaiato. Faltam os peixes...

Se houver algum leitor que tenha um aquário esquecido pode mandá-lo à confiança, que saberemos estimá-lo.

Há, cá em Casa, quem trate bem dos sapos. Quanto mais não tratariam, por exemplo, de um peixe encarnado com cauda de leque!

A Natureza é sempre grande mestra e a vida cheia de beleza. Espero que todos os leitores compreendam estes pedidos pelo que encerram de utilidade educativa. Obrigado.

Carlos («Avião»)

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

TERCEIRA IDADE — No dia 28 de Outubro, a Imprensa deu relevo ao Dia Nacional da Terceira Idade. Houve jornais com títulos a seis colunas. E deles com gravuras alusivas à efemeridade.

Objectivo: motivar os indivíduos, a comunidade através das famílias e das associações para «festejarem os seus anciãos, integrá-los nas suas comunidades, ouvi-los e dar-lhes atenção».

Uma forma de mentalização. Ao lermos quanto se escreveu, voltámos a sublinhar que, para o nosso País, o primeiro dos problemas da Terceira Idade é a sobrevivência assegurada em condições de dignidade. Outro, importante, é o das relações sociais e afectivas com a família e a comunidade.

Nem sempre os antecessores são tratados como seres humanos..., face aos seus (naturais) comportamentos. A Família marginaliza os idosos, como quem segue uma filosofia diríamos hitleriana...

Aqui, num Portugal de séculos e de gestas heróicas, só há pouco tempo foi precariamente considerado o aspecto da sobrevivência das pessoas idosas! Tanto que as reformas não são extensivas a todos, mas só a quem descontou para o Seguro Social. E a sobrevivência na velhice marginaliza um grande leque envolvido na vida doméstica, as mulheres, que ainda hoje não contam em termos (económicos) de produção.

Irámos muito longe com um diagnóstico da omissão (?) a que votaram a Terceira Idade, em nosso País. E será muito difícil, será um enorme trabalho de futuras gerações, a política indicada no Art.º 72.º da actual Constituição: «O Estado promoverá uma política de Terceira Idade que garanta a segurança económica das pessoas idosas». O diploma estabelece, ainda, como direitos (teóricos), para os Idosos, o «usufruto de condições de habitação e convívio familiar e comunitário que evitem ou superem o isolamento ou a marginalização social».

Os tempos são duros. E quanto mais dura é a vida, mais eles, os Velhos, sofrem...!

Não temos coragem de continuar a referir outras cousas boas e más de cá e lá de fora!

O problema, as carências são tão prementes que deveriam esmagar os cidadãos conscientes. É preciso arregaçar as mangas! Cada um procurar fazer algo válido, a nível pessoal ou de grupo. E não embebedar ninguém com miseráveis pensões sociais...

PARTILHA — Exactamente no Dia Nacional da Terceira Idade, depois de ouvirmos um pouquinho do que foi dito nos meios de comunicação social, topámos, casualmente, ao fim da tarde, à saída da mesa onde abanca três vezes por dia — de conta dos nossos Leitores — um pobre Velho marginalizado pelos seus e que procuramos integrar no meio. Colete desapertado. Casaco no braço. Cigarro nos beiços. Face rosada. Satisfeito!

Ali, onde ele come, pausa o peregrino e o viajante; o soldado e o proletário. Ali, onde ele come, porque não sabe cozinhar — tem setenta anos e outras carências... — é que se sente bem.

São centenas de escudos por mês? Que importa! Só o facto deste homem deixar de ser nómada, indesejável, só por isso vale a pena continuar — enquanto os nossos Leitores responderem materialmente.

Os «Amigos de D. António Barroso» presentes com 50\$00. Uma assinante desde o n.º 1 de O GAIATO, residente em Lisboa, segue com um remanescente de contas. Mais um «excesso» de contas proveniente da rua de Saragoça, Coimbra. O costume costumeado do casal-assinante 17022. Alto lá! Ouçamos:

«Incluo 50\$00 para a Conferência. Perdoai-me a insignificância, mas com o ordenado de professora aposentada



É o filho do Luís e da Mailde.



AQUI LISBOA!

«Sim; sirvo os Pobres nas cadeias, nos hospitais, nos tugúrios, nos caminhos — e no Altar.» (Pai Américo)

● Já nestas colunas temos afiorado o problema dos doentes mentais espalhados pela cidade, saídos dos vários estabelecimentos da especialidade, vestidos com as conhecidas e inestéticas fardas hospitalares e, com frequência, tomando atitudes menos convenientes para os outros e para eles próprios.

Na zona do Campo Grande, há dias, junto dos semáforos, encontramos, mais uma vez, um doente, de pano e esponja na mão, pronto a limpar os vidros dos carros imobilizados pelo sinal vermelho, a troco de qualquer gratificação. A certa altura, «puxando» do seu dicionário de grosserias, foi o bom e o bonito! Mais de que o espectáculo em si e de haver crianças e senhoras pelo local, nos impressionou haver gente sempre disposta a desfrutar e a comprazer-se com a miséria do seu semelhante. As palavras que ouvimos já as esquecemos, mas a repugnância que então sentimos, como em outras circunstâncias similares, ainda não se apagou e persiste na mente.

Em primeiro lugar entendemos que este tipo de doentes

antes do 25 de Abril, não me posso permitir grandes voos. Sempre que possa não esquecer os vossos Pobres.»

Ora vamos lá saber: há reformas d'antes e depois? Como é isso?!

Recebemos mais um donativo da «Rua C. C.», Lisboa; assim pedem «porque não é preciso ninguém saber». Muito bem!

«Assinante do Seixal», desta vez, com 2.000\$00. Outro donativo de Lisboa, rua do Bombarda: 100\$00. De algures, 500\$00 de promessa e uma recomendação: «Use este dinheiro para auxiliar uma viúva. Bem haja e reze por mim que estou em aflições. Reze muito por nós dois». São documentos d'alma que a gente topa em O GAIATO. E o seu valor está exactamente nesta comunicação, nesta partilha que testemunha, a gregos e a troianos, que o Homem é um ser espiritual.

«Portuense qualquer», muito assídua: «Tendo recebido 250\$00, com o que não contava — sublinha em sua carta — resolvi juntá-los aos 200\$00 relativos ao mês de Outubro e, assim, este mês, ajudar um pouquinho mais a vossa Conferência».

Mais sobras de contas em dia com O GAIATO: da assinante 33661, Póvoa de Varzim, supomos. «Por motivos de diversa ordem — diz um Amigo da rua Pascoal de Melo, Lisboa — só agora me é possível enviar o costumeado vale de correio de 250\$00. Peço uma vez mais o anonimato» — que respeitamos escrupulosamente.

A terminar, surge a assinante 17929 com 100\$00, «por imperativo de consciência e penitência, resultantes da homilia que o sacerdote fez, hoje, na Missa em que participei». É uma senhora de 82 anos de vida activa e alma devotada aos seus Irmãos. Muito obrigado pelas felicitações.

Júlio Mendes

requer um recato a condizer com as suas características e que os serviços hospitalares respectivos deveriam providenciar no sentido de não serem possíveis cenas pouco edificantes como as apontadas.

Está em jogo a própria dignidade humana. Em segundo lugar não poderíamos deixar de considerar como autênticos energúmenos todos aqueles que não são capazes de respeitar o seu Próximo e até procuram, muitas vezes, provocar espectáculos gratuitos à custa dos Irmãos em dificuldade. Que certos ditos ou atitudes tenham uma certa graça, não discutimos. O que não podemos tolerar é a falta de respeito e de consideração pelos doentes ou por quem seja pobre disto ou daquilo.

● Já que estamos com a mão na massa, não desejaríamos deixar passar em claro outro facto. É que há poucos dias, pela hora do jantar, nos aparece, aqui em Casa, um homem ainda novo, de fato hospitalar, cheio de fome, a pedir comer e pernoita, com aspecto que não engana ninguém, embora pacífico e algo acabrunhado. Vimos logo, pelo contexto e pelas poucas palavras proferidas, tratar-se dum doente mental. Enchendo a barriga a quem a trazia vazia, procurámos alertar as Autoridades para o facto. Estas disseram-nos que não tinham carro apropriado e que telefonássemos para os Bombeiros, o que fizemos. Contactadas duas Corporações dos ditos, fomos informados de que não possuíam ambulâncias disponíveis. Após vários telefonemas, conseguimos apurar que o Doente em causa havia fugido de determinado hospital, mas que, neste, não havia motorista de serviço. Eram cerca de 21 horas. Finalmente, após outro telefonema, lá conseguimos que as Autoridades viessem buscar o pobre Homem e o reconduziram ao local de internamento.

● Já sabemos, há muitos anos, que quando surge qualquer problema à volta das nossas Casas, e não só, que as pessoas se demitem e os remetem para nós. Enfim, ainda se compreende um tanto, mas não é justo que cada um alije as suas próprias responsabilidades. O que não se entende é o jogo do empurra acima apontado, que nos leva a perguntar: a quem é que neste País, em situações equivalentes, as pessoas de boa vontade se podem dirigir para resolver problemas ou situações de tal jaez, certas de rápida resposta? Não acrescentaremos mais nada de comentário, mas diremos, para elucidação, que esta Casa do Gaiato dista de Lisboa cerca de 20 Km! Pobre País, tão rico de palavras!

● As dificuldades de ingresso dos nossos vendedores nos vários Bancos, Companhias e Repartições, onde há muito tinham acesso, vão aumentando. Por razões de segurança e de rendibilidade dos Serviços, dizem-nos. Temos pena que assim suceda, muito menos pelo prejuízo material que o facto representa, mas pela simples razão de ser O GAIATO um revolucionário pacífico, capaz, na sua singeleza e na sua despretensão, de levar os homens a um maior sentido da solidariedade humana. Leiamos as palavras de Amigo desconhecido: «Leitor curioso já há anos de O GAIATO, acreditem que é com alegria que vejo entrar regularmente no meu local de trabalho o vosso jovem distribuidor; por regra, cada exemplar é portador de algo (crónica, comentário, reflexão) que nos move, simultaneamente, à interiorização e à comunicação — ou, se quiserem, à meditação e à acção!» Não se poderia testemunhar melhor e tranquilizar as pessoas quanto aos frutos da leitura de O GAIATO.

ORDINS

Ai dos nossos Pobres se não fossem os leitores de O GAIATO, os Amigos da Obra da Rua! Nada podíamos fazer por eles, materialmente.

Assim, das ofertas recebidas, após a nota publicada no mês de Julho, ainda ficámos em dívida! E esperamos ver-nos livre dela logo que cheguem mais donativos.

Gastámos cerca de 15 contos na reparação de uma moradia do Património dos Pobres. Desde que foi construída, já lá vão trinta anos, ninguém lhe pregou um prego! Resultado: foi preciso compô-la toda. Não nos competia a reparação..., mas como ninguém tomava a iniciativa — e quem lá está sofria as consequências... — metemos mãos à obra confiados nos leitores de O GAIATO.

Despendemos mais 7 contos numa outra moradia. E duas ficam à espera de melhores

SETÚBAL

■ Eu saí do ambiente caseiro e fui gozar férias até ao Porto, onde estão alguns familiares. Percorri muitas vezes as zonas ribeirinhas. De Gaia para o Porto atravessei muitas vezes a ponte de baixo, tendo em mente aquelas zonas com as suas ruas mais escuras e mais escondidas que não é preciso nomear-te. A mesma vida de sempre. O mesmo que Pai Amé-

Para obviar a algumas dificuldades, passam os nossos pequenos vendedores a exhibir, se for caso disso, um bilhete de identificação, com fotografia, autenticado com o selo branco da Casa. Esperamos que a decisão tomada consiga remover obstáculos e tranquilizar os responsáveis.

● Consumada a instalação da lavandaria capaz e aberta a nova sala de jogos para os Rapazes mais velhos, em condições de dignidade e de atracção salutar, vamos lançar-nos na remodelação e apetrechamento da sala de música. É uma exigência de gente nova, polo de interesse que importa aproveitar no que tem de ocupação honesta, formativa, relaxante e cultural. Vão, com certeza, aparecer discos ou cassetes dos mais variados tipos, que há gostos para tudo, embora, naturalmente, as preferências vão para as músicas modernas, ao ritmo do tempo. A vinda dum gira-discos seria oiro sobre azul, dizem-me aqui ao lado! Entretanto, vejamos lá, na crónica do Tojal fala-se em pássaros e peixes! Isto só numa Casa do Gaiato!

Padre Luiz

Malanje

Cont. da 1.ª pág.

dia a dia, os ovos começaram a evaporar-se. Da ração? Alguém os rouba?

Inquérito: — «Só fritei quinze e dei seis a um camarada. O resto foi o «Bico»».

Tentações do «Russo»?

Sentença rigorosa.

Hoje veio ter comigo: «Que ali não gostava, queria ir outra vez para os zebus».

Quando ele veio, nas suas transgressões, fugia e andava um dia escondido pelas matas.

Agora não foge, vem ter comigo, ganhou confiança. Vai ser um homem.

— Sabes, o zebu já me perguntou por ti quatro vezes — disse-lhe. Ele me sorriu com todos os dentes.

Padre Telmo

Calvário

Cont. da 1.ª pág.

A tia Rosa não tem recordação alguma do acontecido. O estado de embriaguez permanente naquele lar explica o incrível.

Não vai ser difícil concluir o relatório do acidente macabro, descoberto numa ilha de cidade populosa como é o Porto. Mas o que certamente ali não vai ser apontado é a causa verdadeira, profunda. Os verdadeiros culpados, esses vão ser omitidos porque são muitos e anónimos.

Para que a consciência não me venha a acusar da morte de tantas Rosas é que tenho aqui algumas comigo, regadas com o teu e o meu carinho.

Padre Baptista

que lêem e passam à frente? Como vêem, poucos foram os que se associaram ao último apelo. No entanto, estão sempre a tempo porque a dívida permanece. Dai, pois, com generosidade. É preciso que sejamos bons samaritanos.

A nossa direcção: Casa de Jesus Misericordioso, Ordins, Lagares (Douro).

Maria Augusta

Por Ernesto Pinto

de ideologias novas que mostram e nos levam por torrentes cada vez mais podres de ambiente familiar. Ela, a Família, é a única salvação que existe desde que a raiz venha desde uma criação que não de lixo exterior. Ele rouba o que de melhor se pode construir no interior do homem. Só os en-

Cont. na 4.ª pág.

HABITAÇÃO—PROBLEMA PRIMEIRO

A luta por uma habitação é cada vez mais dura. Cercamos-nos aflições:

É a velhinha muito trôpega que mora numa cave onde cabe a cama e o corredorzito que a ela conduz. «Mal me posso deitar!» — geme ela. «Peça ao sr. Presidente da Câmara uma casa para mim.» Ontem veio dizer-me, muito contente, que esperava ir para o antigo Mercado da Fruta, no Infante, e dali passaria para um Bairro. Só se assim for, valerá o seu contentamento!

É um casal novo, em risco de se desmantelar. Tem vivído em casa dos pais dele; agora na da mãe dela — sempre sem condições de vida. «Arranje-me uma casinha e salve o meu lar!» — outro grito de angústia.

São tantos e tantas na expectativa de uma casa para poderem casar! Quantos sem paciência para esperar mais, vão engrossar o número dos que se amontoam em casas já

superlotadas — terreno de cultura para tantos males!

É este S. O. S. que nos vem da grande Lisboa:

«Temos aqui uma família que «sonhou» fazer a sua casinha, uma vez que nunca mais se constrói um Bairro para esta pobre gente.

Tinha 50.000\$00 das economias que há muito vinha fazendo e comprou este Verão o terreno, aqui na Serra de Mira, por 100 contos!

Não avalia o que este homem tem feito para conseguir pagá-lo! Não teve férias, não tem uma hora livre desde que lhe apareça trabalho extraordinário, e até estão a passar mal para poder economizar alguma coisita. É o casal, três filhos e vésperas do quarto. É carpinteiro, mas «tosco»; ganha 7.500\$00 por mês.

Com grande espanto nosso,

conseguiu, até agora, já pagar o terreno! A mulher está em casa, mas comprou duas cabritas, anda por aí com elas e vai-as vendendo depois. O homem, que bebia imenso, nunca mais foi à taberna. Vem do trabalho e deita-se logo a seguir ao jantar, por causa... das tentações!!!

Anseia por começar com os alicerces (depois vai ele construindo com a ajuda dos amigos), mas não tem nada! Não poderá dar-lhes uma «cachega» para este «arranque»?!

Que transformações um projecto a sério pode operar na vida de uma pessoa! Não é este o primeiro que deixa de beber por amor da casa que ambiciona. Quantos se não têm convertido ao convívio da lareira pela busca do seu lar! E estas transformações, em regra, são irreversíveis. Não du-

ram apenas o tempo da grande batalha que é a construção. Fixam-se, para sempre; consolidam-se na ânsia dos acabamentos melhorados que nunca têm fim. A adesão firme a um ideal é a grande força motriz dos mais arrojados e são empreendimentos. A quem desesperou de ter casa, na fatalidade aceite do tugúrio, da promiscuidade — que outro caminho se lhe abre senão o da decadência em todos os valores humanos que o fariam ser?

No desequilíbrio do jogo so-

cial disputado, como nunca, ao sabor de impulsos nascidos do interesse de pessoas ou de grupos (de interesses imediatos, de vitórias para o momento, que nem sequer do proveito estável que só poderá vir para cada um do bem-estar sinceramente procurado para todo o Povo) a habitação, necessidade primária como é, constitui cada vez mais um problema fora do alcance do cidadão comum, que vive do seu salário e não sabe como reparti-lo entre esta e as outras necessidades também fundamentais à subsistência.

Para que sociedade caminharemos, quando os valores que podem responder a estas necessidades do Homem, se tornaram tão insociais?!

Padre Carlos

SETÚBAL

Cont. da 3.ª pág.

fezados, só os que de nós fomos alimentados na nossa raiz boa em mistura com a grama, a junça, o escalracho que roubam o alimento de plantas produtivas, podemos dizer do seu rendimento, da sua produtividade, da canseira em mostrar aos «cultivadores». Mostrar a fome que essas plantas passam, por o cultivador passar por elas e não ver que era preciso mandar cavar fundo e adubar.

Isto vi eu escrito num dos pilares que seguram a dita ponte: «Pão, Amor, Paz».

Ora aqui está. Eu sou contra os escritos nas paredes, mas deste gostei. Pois está ali tudo escrito de tanto que tinha pra dizer. Pois que mais diz Pai Américo?: «Lugar de mártires, de heróis e de santos». Tantos lugares destes!

■ A hora em que te escrevo, mais ânsia tenho de ver a «casa-mãe» pronta. Sabes porquê? É que acabo de ver duas galinhas cada uma com sua ninhada, uma já esgravata e põe os filhos a esgravatar. A outra não: estão todos debaixo dela. Nasceram depois, requerem mais aconchego. E nós temos que pensar nuns e noutros. «Quem tem olhos para ver...»

■ Começaram as aulas. Eu digo que recomeçou a Escola. É com letra grande que se deve escrever por via da responsabilidade que acarreta. Nós temos três salas em funcionamento. Três professores estão a trabalhar nelas. Ele há

quem diga que os nossos são difíceis de aturar. Mas não. Eles são todos iguais. Os professores é que não. Nós temos discutido isto ao longo das gerações. Compreender a nossa vida mai-los nossos é um nadinha abstracto. E é abstracto, porque a Escola não sabe dar para colher. Eu não sei as disciplinas que há no Magistério nem nas Faculdades. O que sei é que nos vêm às mãos (e à cabeça também) rapazes de onze anos que vão principiar a Escola. Ora é a esta Escola sublinhada que o Magistério não tem dado, ou os professores não sabem dar depois de terem recebido. É preciso receber pra dar. Que cada professor puxe prós outros o que deseja prós seus. Que melhor doutrina queremos senão esta?

■ Fernando (o irmão do Fátima) tem quinze anos. Vejo nele o meu mais velho. Ele tem capacidade. Por isso foi ele que ontem foi pôr o motor da água a funcionar bem. Fez o que sabia. Foi experimentar a ceifa do arroz: — Já me cortei! Isto disse ele adivinhando do porquê da sua aprendizagem. Ele tem garra, ele tem brio, ele quer ser generoso. Eles precisam da nossa generosidade para poderem adquirir as faculdades necessárias para laborarem no meio da sociedade. Eles querem e nós precisamos.

■ Foi há tempos. Eu estive uns dias sem aparecer. Quando voltei fui agarrado pelos mais pequenos. Tive que fugir do pé deles para não me magoarem... Eles querem ser amados para saberem amar...



O imóvel das primeiras oficinas da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo deu lugar a um amplo edifício para: Lar, Casa dos Casais, bar, biblioteca, salão de jogos e festas e pequenas oficinas domésticas.

TRIBUNA DE COIMBRA

● Não quereríamos que as nossas contas fossem as nossas grandes preocupações. Vale muito mais a riqueza que é cada um, do que todo o mundo material. Queríamos ser homens de Esperança. Olhar para as aves do céu e para os lírios do campo e acreditarmos na bondade do Pai do Céu. Queríamos caminhar com liberdade, sem nada que tivesse sentido de escravidão. Mas...

Mas a vida que nos rodeia, a grande família humana que somos, as aflições dos outros Irmãos, o pão que não chega, a casa que não tem condições, tudo também tem lugar na nossa vida.

A mãe inquieta com as quatro pessoas em casa e para quem o ordenado de dezassete contos não chega para tudo e para repartir um quinhão pelos outros como deseja, contraba-

lança com outra mãe com quatro filhos e que recebe do marido seis a sete contos mensais e consegue retirar pequeninas quantias para rebuçados para os nossos mais pequeninos.

São segredos interiores. Segredos interiores de renúncia. Quando vejo comprar coisas caras e supérfluas; quando vejo gastar desnecessariamente aquilo que podia saciar fomes e remediar vidas; quando vejo tanta, tanta coisa na vida social... contigo ou com os teus — fico tão amargurado que me apetece gritar com toda a alma que os homens não querem ser Irmãos, que os homens não querem uma vida futura feliz.

● O Fernando estava em nossa Casa tão deslocado, andava sempre fugido e fazia tantos roubos, destruiu tantas coisas boas quando passava, os pais

são pais de muitos filhos e não vivem juntos! Tivemos de levar o Fernando. O Fernando não terá na nossa sociedade um lugar que seja o seu lugar?

O Tó Zé é uma criança muito diminuída. Os pais têm mais filhos pequenos e dizem que o pai maltrata o filho. O Tó Zé não pode continuar em nossa Casa. Mexe com todos e nunca se cala. Não é aqui o seu lugar. Destroí a harmonia da vida a que todos têm direito. Tivemos de levar o Tó Zé a casa dos pais. Mas os pais não têm condições para criar este filho.

Onde está na nossa sociedade o lugar do Tó Zé?

Vamos continuar a viver com as aflições da nossa vida e continuar a pedir ao Pai do Céu a partilha do Amor.

Padre Horácio

Director: Padre Carlos
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa